

Tavares, T., Bonito, J., Oliveira, M., Boné, M., & Rebelo, H. (2012, 3 de dezembro.). Consumo de álcool entre os escolares do 9.º ano do distrito de Beja. Comunicação oral apresentada no VII Encontro Regional de Educação, realizado na Universidade de Évora, promovido pelo Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Consumo de álcool entre os escolares do 9.º ano do distrito de Beja

Teresa Tavares [1], Jorge Bonito [2], Maria Manuela Oliveira [3], Maria Boné [4], Hugo Rebelo [5]

Resumo: Portugal em 2009, segundo a *OECD Health Data* (2011), a par da Áustria, é o segundo país do mundo com maior consumo de álcool entre a população com 15 ou mais anos de idade, ficando a uma décima da França: 12,2 litro *per capita*. A média dos países da OCDE é de 9,1 litro *per capita*. Ainda assim, no período entre 1980 e 2009 assiste-se a uma redução do consumo na ordem de 18%. Relativamente aos estudantes, em todos os países participantes no ESPAD (2011), 70% ou mais dos inquiridos já consumiu álcool pelo menos uma vez ao longo da sua vida. No estudo *HBSC 2010* revela-se que, em Portugal, cerca de 15% e 19% dos jovens do 10.º ano de escolaridade consomem, respetivamente, cerveja e bebidas destiladas todas as semanas/meses. A região do Alentejo é a que regista maior consumo de álcool em termos nacionais, com 5,8% de estudantes a consumirem bebidas destiladas semanalmente e 6,1% a ficar embriagado mais de 10 vezes. O consumo abusivo de álcool é uma doença e produz elevadas taxas de morbilidade e de mortalidade, começando por se manifestar, nos jovens, em dificuldades no desempenho adequado das suas tarefas escolares para além de gerar outro tipo de comportamentos socialmente desviantes (*e.g.*, 12,9% dos jovens indicam que tiveram a sua primeira relação sexual alcoolizados). Este estudo, de carácter quantitativo, procurou conhecer as representações que os alunos do 9.º ano de escolaridade das escolas do distrito de Beja têm acerca do consumo de bebidas alcoólicas. A recolha de informação fez-se com recurso a um inquérito por questionário, construído pela primeira autora e sob orientação do segundo autor, aplicado a uma amostra de 140 estudantes. Os resultados apontam para primeiros consumos de bebidas alcoólicas ocorrerem na idade de 13 anos. A maioria dos alunos já consumiu álcool mais do que uma vez ao longo da sua vida. O álcool não é entendido como um

¹ Escola secundária com 3.º ciclo do ensino básico D. Manuel I, Beja. tsousatavares@gmail.com

² Universidade de Évora. Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro. jbonito@uevora.pt

³ Departamento de Matemática da Universidade de Évora. mno@uevora.pt

⁴ Agrupamento Vertical de Escolas de Monforte. aurorabone@hotmail.com

⁵ Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro. hrebelo@hrebello.com

facilitador da integração no grupo de amigos. Existe alguma influência do grupo no consumo, uma vez que a prática e incentivo dos pares são determinantes para se decidir beber. A maioria considera que a ingestão de bebidas alcoólicas os faz sentir mais adultos, sendo um meio de afirmação, permitindo fugir da realidade. Considera-se ser urgente adotar medidas de prevenção ao consumo de álcool, associadas às de capacitação das pessoas e ao fortalecimento dos contextos no âmbito da educação para a saúde.

Palavras-chave: álcool, jovens, consumo, prevenção.

Consumo de álcool nas crianças e nos adolescentes

Portugal é um país com costumes de consumo de álcool. Segundo a *OECD Health Data* (2011), em 2009, Portugal é o segundo país do mundo com maior consumo de álcool entre a população com 15 ou mais anos de idade, a par da Áustria, ficando a uma décima da França: 12,2 litro *per capita*. A média dos países da OCDE é de 9,1 litro *per capita*. Tradicionalmente, a sociedade portuguesa não identifica o álcool como uma droga. É frequente em vários tipos de estabelecimentos comerciais a venda de bebidas alcoólicas a crianças e adolescentes com idade inferior a 16 anos, ainda que em território nacional esse procedimento, e o respetivo consumo, estejam proibidos (Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro). Por outro lado, a fiscalização do cumprimento da lei, por parte das entidades competentes, é marcadamente insuficiente.

De acordo com o estudo realizado por Gameiro (1998), cerca de 500 mil jovens, entre os 15 e os 24 anos de idade, já consomem bebidas alcoólicas três vezes por semana ou mais. No estudo sobre consumo de álcool, tabaco e droga (ECATD), desenvolvido por Feijão e Lavado (2003), 47% dos alunos de 13 anos e 94% de 18 anos já tinha experimentado consumir álcool, pelo menos uma vez ao longo da vida, não existindo grandes diferenças entre os sexos em qualquer das faixas etárias. Cerca de 30% dos alunos de 13 anos e 69% dos alunos de 18 anos tinha consumido álcool nos 30 dias antes da realização do estudo.

Os dados do Inquérito Nacional de Saúde de 2005-2006 (INSA, 2006) apontam para um aumento da taxa de prevalência de consumo de álcool pelos alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, entre 2001 e 2006, sendo mais elevada no

Alentejo. Os dados do inquérito de 2010 do *HBSC/OMS* confirmam esta tendência, que se regista, também, ao nível do consumo de tabaco.

Segundo Balsa *et al.* (2008), de 2001 para 2007 a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas aumentou de 75,6% para 79,1%. Em 2001, cerca de 30% da população iniciou o consumo de bebidas alcoólicas entre os 15 e os 17 anos, tendo essa proporção aumentado para 40% em 2007.

De acordo com os resultados do relatório *ESPAD* (2007), dois terços dos estudantes de 35 países europeus, com a média de idades de 15,8 anos, ingeriram álcool pelo menos uma vez ao longo da sua vida, com uma média próxima dos 90%. Feijão, Lavado e Calado (2011), no *ECATD* 2011, verificam que de 2007 para 2011, entre os alunos dos 16 aos 18 anos, houve um aumento dos consumos mais intensivos. Há ingestão de maior quantidade de bebidas destiladas e mais embriaguezes, sendo mais significativo o aumento entre as raparigas. De 2007 para 2011 não existe alteração na idade de iniciação ao consumo de álcool, mantendo-se entre os 12 e os 13 anos. Verifica-se um decréscimo na percentagem de experimentação, em todos os grupos etários, em ambos os sexos, rondando os 37% para os alunos com 13 anos e 91% para os com 18 anos.

A prevalência da embriaguez ao longo dos oito anos do estudo subiu sempre com o aumento da faixa etária, sendo ininterruptamente superior nos rapazes. Contudo, de 2003 para 2007, verificou-se um aumento da embriaguez nos alunos com 13 e 14 anos e uma diminuição nos alunos entre os 15 e os 18 anos. A prevalência da embriaguez voltou a aumentar em 2011, em todas as faixas etárias (registando valores de 8,4%; 15,8%; 15,3%; 25,3%; 38,6%; 47,2%; 53,9% para alunos dos 13 aos 18 anos, respetivamente). Considerando a embriaguez nos últimos 12 meses, verificou-se uma diminuição da sua prevalência em todas as faixas etárias, de 2003 para 2007, voltando a aumentar em 2011.

O consumo excessivo apresentou um aumento contínuo dos 13 para os 18 anos ao longo dos vários anos do estudo e verificou-se um aumento bastante acentuado de 2003 para 2007, em todas as faixas etárias. Em 2003, cerca de 7% dos alunos com 13 anos praticaram *binge drinking*, mas em 2007 aumentaram para cerca de 21%. Quanto aos alunos com 18 anos, cerca de 30% praticaram *binge drinking* em 2003, aumentando para cerca de 67% em 2007.

Nos resultados do inquérito *Health Behaviour in School-aged Children* de 2010 (Matos *et al.*, 2012), 42% dos adolescentes portugueses refere ter consumido álcool pela primeira vez entre os 12 e os 13 anos de idade, tendo cerca de 62% referido que se embriagou pela primeira vez, por volta dos 14 anos.

Os resultados dos vários estudos, particularmente do ESPAD 2011, revelam que Portugal se encontra a par da Itália e dos países de Leste quanto ao consumo de álcool, sendo o padrão de menor intensidade daquele que se verifica no norte da Europa. Tem-se assistido a uma maior quantidade de substâncias consumidas, onde os alunos mais velhos procuram menos a cerveja e mais principalmente as bebidas destiladas. Consequentemente, uma maior percentagem de alunos refere ter-se embriagado várias vezes.

Para além da intoxicação, de patologias associadas (por exemplo, cirroses hepáticas) e de problemas relacionados com o uso do álcool (por exemplo, falhas nas obrigações escolares, questões legais, sociais ou interpessoais associados ao álcool), o consumo abusivo de álcool gera também dependência, definida na *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* com três dos seguintes critérios ao longo de um ano: a) tolerância (aumento do consumo para se atingir o mesmo efeito); b) sintomas de abstinência; c) beber mais do que o pretendido; d) tentativas para reduzir o consumo de álcool; e) tempo excessivo relacionado com o álcool (ressaca); f) atividades sociais e de trabalho prejudicadas devido ao consumo de álcool; g) consumo apesar das consequências físicas ou psicológicas. Além do referido, a violência e consumos de outras substâncias psicoativas surgem associadas, com recorrência, ao álcool.

As consequências dos atuais consumos para a saúde dos jovens são dramáticas, devendo merecer atenção por parte das autoridades de saúde e de educação, dos pais e de toda a comunidade, particularmente o tecido económico e empresarial. Muitos dos nossos jovens, com os seus estilos de vida baseados em escolhas negativas, têm hipotecado o seu futuro saudável.

Metodologia

A recolha de informação fez-se com recurso a um inquérito por questionário, de autorresposta, construído pela primeira autora trabalho, sob a orientação do segundo

autor, tendo sido validado por peritos externos e em testagem piloto. No ano letivo de 2010-2011, a população teórica de alunos do 9.º ano no distrito de Beja era de 1 051. Com o objetivo de fazermos uma amostragem superior a 10% da população, aplicámos o questionário a 12 turmas do 9.º ano de escolas do distrito de Beja, num total de 312 alunos (correspondendo a 29,7% da população), com uma taxa de retorno de 44,9% (140 questionários válidos) e uma cobertura de 13,3% da população.

Procedeu-se à análise estatística descritiva e inferencial, com recurso ao *SPSS*.

O questionário encontra-se dividido em três dimensões: sociocultural, pessoal, representações sociais. As variáveis consideradas neste estudo incluem as dimensões pessoal (sub-dimensão dos hábitos de consumo e contextos sociais) e representações sociais (sub-dimensão dos fatores que induzem os consumos).

Resultados

A maioria dos jovens (89,4%) já consumiu álcool, pelo menos uma vez ao longo da sua vida (Tabela 1), valor que se situa acima do encontrado no ESPAD (2007).

Tabela 1
Resultados relativos à ocorrência de consumo de álcool.

	<i>Já consumiu álcool?</i>	n	%
	Nunca	12	8,6
	Uma vez	11	7,9
	Mais do que uma vez	81	57,9
	Regularmente	33	23,6
	Sub-total	137	98,0
<i>Missing cases</i>	999	3	2,0
Total		140	100,0

Os adolescentes que referiram nunca ter consumido bebidas alcoólicas, não responderam à questão seguinte, que se destinava apenas aos que já tinham experimentado álcool. Assim, consideramos apenas 128 respostas válidas.

O teste do qui quadrado encontrou diferenças estatisticamente significativas (*p-value* = .001) relativamente ao sexo: a maioria das raparigas (54%) referia que consumiu álcool mais do que uma vez, enquanto as respostas dos rapazes distribuem-se por um consumo de mais do que uma vez (27%) ou regular (24%).

Para pouco mais de $\frac{1}{4}$ da amostra inquirida, o primeiro contacto com a bebida alcoólica faz-se aos 13 anos de idade, ainda que cerca de 20% a tivesse experimentado um ano antes (Figura 1). A média das idades do primeiro consumo é de 12,7 anos (DP = 2,056 e erro standard da média = 0,183). Mais precocemente, 5,6% dos estudantes declara ter experienciado o álcool antes dos 10 anos de idade e, particularmente, um deles afirma que fora aos 4 anos e outros dois aos 5 anos. Estes resultados estão na continuidade dos encontrados por Feijão, Lavado e Calado (2011) e Matos *et al.* (2012). A análise estatística inferencial detetou que os filhos de pais com habilitações escolares mais baixas (1.º e 2.º CEB), fizeram os seus primeiros contactos com o álcool em idades inferiores a 10 anos ($p\text{-value} = 0,002$). Além disso, determinou-se uma relação significativa entre os que alunos que iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas entre os 12 e os 14 anos de idade, e o seio de uma família dita tradicional, constituída por pai, mãe e irmãos ($p\text{-value} = .000$).

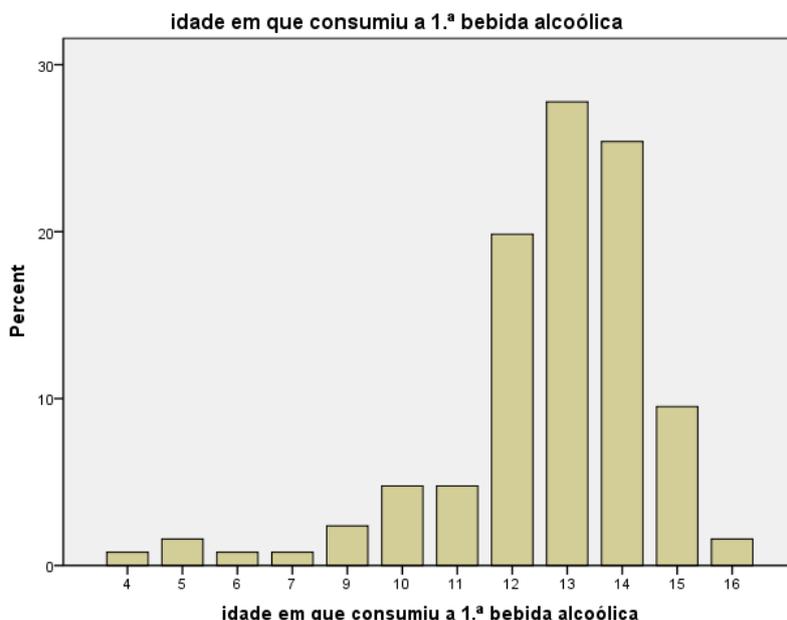


Figura 1. Distribuição das percentagens relativas à variável “Idade com que consumiu a primeira bebida alcoólica”

A possibilidade do consumo de álcool facilitar a integração no grupo de amigos congregou entre 40,7-57,2% de concordância, enquanto 7,1-8,6% declara não saber. Porém, 75% dos alunos discorda que acabaria por beber para não se sentirem diferentes e para melhor se integrarem se no seu grupo de amigos a maioria consumisse bebidas

alcoólicas. Ou seja, os adolescentes afirmam que não bebem mais para se integrarem no grupo, mas que o fazem para se sentirem integrados e identificarem com os pares.

Na Tabela 2 apresentam-se os resultados relativos à variável “*Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria*”.

Tabela 2

Resultados relativos à variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria”.

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas numa festa, eu aceitaria</i>	n	%
Concordo totalmente	12	8,6
Concordo	47	33,6
Discordo	36	25,7
Discordo totalmente	21	15,0
Não sei	24	17,1
Total	140	100,0

Nesta variável, as posições partidárias dividem-se quase pela metade, com 42,2% a declarar aceitar consumir bebidas alcoólicas numa festa, se os seus amigos os incentivassem e 40,7% a nega-lo. Cerca de 17,1% está inseguro com o que faria. Cruzando estes resultados com os anteriores, os jovens acabam por consumir mais bebidas alcoólicas, porque são incentivados pelos amigos e querem sentir-se mais integrados e aceites pelo grupo.

A maior parte dos alunos que considera que aceitaria consumir bebidas alcoólicas numa festa, incentivado pelos amigos têm pais com menores habilitações literárias (1.º-3.º CEB) ($p\text{-value} = .0042$).

Na análise da Tabela 3, verificamos que 73,6% dos inquiridos acaba por não consumir álcool, mais do que é o seu costume, mesmo que incentivados pelos amigos. Tendo em conta os resultados anteriores, percebe-se que cerca de metade da amostra é permeável ao consumo pela influência dos amigos, mas não é esse facto que os leva a consumir maiores quantidades que o habitual. O facto de os amigos beberem constitui uma influência tácita (“tentação”), para 43,5% dos adolescentes, para que persigam aquele comportamento. Apesar da influência relatada, 82,8% dos adolescentes considera que consegue facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas, ficando indeciso apenas 3,6%. Os alunos que consideram mais facilmente conseguir resistir ao consumo

de bebidas alcoólicas têm as suas mães com o ensino secundário ou licenciatura (p -value = .003) e vive no seio de uma família dita tradicional, constituída por pai, mãe e irmãos (p -value = .0045).

Tabela 3

Resultados relativos à variável “Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume”

<i>Se os meus amigos me incentivassem a consumir bebidas alcoólicas, eu acabaria por consumir mais do que é costume</i>		n	%
Concordo totalmente		6	4,3
Concordo		20	14,3
Discordo		60	42,9
Discordo totalmente		43	30,7
Não sei		10	7,1
Sub-total		139	99,3
Missing cases	999	1	0,7
Total		140	100,0

Analisando a informação da Figura 2, percebe-se que a maior parte dos jovens (61,4%) consome bebidas alcoólicas para se sentir mais adulto, levando mesmo 33,6% a afirmar que o faz para se afirmar.

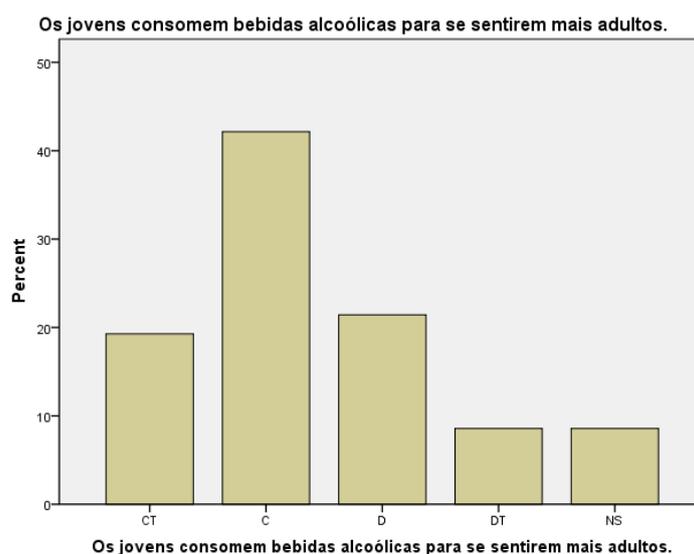


Figura 2. Distribuição das percentagens relativas à variável “Os jovens consomem bebidas alcoólicas para se sentirem mais adultos”.

A maioria dos respondentes (70%) discorda que o consumo de álcool dificulte a aceitação pelo grupo de amigos. Estes resultados estão de acordo com os encontrados anteriormente, no que diz respeito à decisão de consumir álcool, quando a maioria dos amigos segue um comportamento de consumo, a fim de não contrastar com o grupo. Todavia, cerca de 51% considera que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, permeando, antes, a sua aceitação.

Por último, encontramos cerca de metade dos inquiridos a defender que consomem bebidas alcoólicas para fugir a realidade (Tabela 4). Na verdade, esse é precisamente um dos efeitos desta substância psicoativa: alteração de consciência.

Tabela 4
Resultados relativos à variável “Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade”.

<i>Os jovens que consomem bebidas alcoólicas bebem para fugir à realidade.</i>	n	%
Concordo totalmente	19	13,6
Concordo	53	37,9
Discordo	27	19,3
Discordo totalmente	20	14,3
Não sei	21	15,0
Total	140	100,0

Em jeito de conclusão

Os adolescentes tendem a iniciar o consumo de álcool cada vez mais cedo. Neste estudo, apenas 8,6% dos adolescentes declara nunca não ter consumido álcool. O primeiro contacto com o álcool faz-se, para 35,2% dos inquiridos, antes dos 13 anos de idade. Os resultados encontrados dilatam os de Balsa *et al.* (2008), estando na estando na continuidade do inquérito *Health Behaviour in School-aged Children* de 2010.

Os inquiridos apresentam posições divergentes quando à função social do consumo de álcool. Por um lado, a maioria dos adolescentes considera que o consumo de álcool não facilita a integração no grupo de amigos, todavia, defende que o mesmo consumo ajuda-os a serem aceites pelo grupo de amigos e, conseqüentemente, a sentirem-se mais integrados e identificados com os pares. A influência/não influência dos pares no consumo é acolhida por dois grupos de dimensão próxima, com um elevado número de indecisos. Porém, para os que a reconhecem, recusam tacitamente

que por esse facto consomam maiores quantidades que o seu normal. Os dois grupos mantêm-se, quanto não existe uma influência explícita mas apenas um comportamento observado.

Os adolescentes consideram que possuem competências para facilmente resistir ao consumo de bebidas alcoólicas. O álcool é um meio para se afirmarem, sentindo-se adultos e, como tal, fugindo da realidade.

Os resultados encontrados, que confirmam outros estudos, reforçam a necessidade de capacitar os adolescentes para resistir à pressão dos pares relativamente a comportamentos de risco. Revela-se importante aperfeiçoar as competências e habilidades sociais para melhorar relacionamentos e resolver problemas assim como facilitar o acesso a recursos e oportunidades necessários para a vida. A melhoria da competência educativa e da capacidade pessoal para afrontar a doença e as adversidades devem ser treinadas, levando os adolescentes a participar e a influenciar ativamente e com espírito crítico para transformar o meio. Torna-se imperioso que os adolescentes sintam que podem fazer que ocorra o que querem que ocorra, ou seja, que têm poder para preparar e orientar as opções, decisões e ações saudáveis, evitando comprometer negativamente o seu futuro e o da sociedade onde se integram.

Referências

- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., Barbio, L., & Pascueiro, L. (2008). *II inquérito nacional ao consumo de substâncias psicoativas na população geral – Portugal 2007*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
- ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and Drugs (2007). *Substance use among students in 35 european countries*. Consultado em 2012, 6 de setembro, a partir de http://www.espad.org/documents/Espad/ESPAD_reports/2007/The_2007_ESPAD_Report-FULL_091006.pdf
- ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and Drugs (2011). *Substance use among students in 36 european countries*. Consultado em 2012, 26 de novembro, a partir de http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/Relatorio/The_2011_ESPAD_Report_FULL.pdf
- Feijão, F., & Lavado, E. (2003). *Os adolescentes e o álcool: Estudo sobre o consumo de Álcool, Tabaco e Droga*. Consultado em 2010, 22 de setembro, a partir de http://www.dependencias.pt/ficheiros/conteudos/files/ECATD-2011_16Nov_1.pdf
- Feijão, F., Lavado, E., & Calado, V. (2011). *Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas*. Lisboa: IDT – Observatório de Droga e Toxicodpendência. Consultado em 2011, 23 de novembro, a partir de, em

Tavares, T., Bonito, J., Oliveira, M., Boné, M., & Rebelo, H. (2012, 3 de dezembro.).
Consumo de álcool entre os escolares do 9.º ano do distrito de Beja.
Comunicação oral apresentada no VII Encontro Regional de Educação, realizado
na Universidade de Évora, promovido pelo Centro de Investigação em Educação e
Psicologia da Universidade de Évora.

<http://www.idt.pt/PT/ComunicacaoSocial/ComunicadosImprensa/Paginas/ComunicadoDeImprensaApresentacaodeResultados.aspx>

Gameiro, A. (1998). *Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas em Portugal*. s.l.: Editorial Hospitalidade.

INSA – Inquérito Nacional de Saúde (2006). *Inquéritos nacionais de saúde*. Consultado em 2010, 27 de agosto de 2010, a partir de http://www.onsa.pt/conteu/proj_ins.html

OCDE (2011). *Health at a glance 2011. OCDE indicators*. OECD Publishing. Consultado em 2012, 13 de novembro, a partir de <http://www.oecd.org/health/healthpoliciesanddata/49105858.pdf>.

Matos, M. G., Simões, C., Camacho, I, Tomé, G., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M, & Equipa do Projeto Aventura Social e Saúde (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses: relatório do estudo HBSC*. Lisboa: Edições FMH

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 9/2002, de 24 de janeiro